

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O REALINHAMENTO EVOLUTIVO
MULTIEXISTENCIAL NA PRÁTICA PARAPSIKOTERÁPIKA:
ESTUDO DE CASO CLÍNICO (1)**

Fernando Salvino, MSc.

Resumo

Este texto nada mais é que considerações preliminares e não algo definitivo ou conclusivo, pelo contrário, expressa um posicionamento mutável e preliminar em seu processo de construção criativa. A reorientação ou realinhamento evolutivo multiexistencial, também chamada de “abordagem evolucionoterápica em parapsikoterapia”, campo que desenvolvo em minhas pesquisas e prática clínica, apresentou-se operante neste caso que sinteticamente passo a relatar neste ensaio. Como cientista da consciência e parapsikoterapeuta parto do caso concreto e da fenomenologia no processo de investigação e tomada de reflexões e conclusões, na busca da essência no processo parapsikoterápico. O processo parapsikoterápico emerge também da relação entre terapeuta e evolucionante, na dialogia e na interação objetiva e subjetiva no sistema que envolve o psiquismo e o parapsiquismo de ambos imersos num campo multidimensional, interagente com o mesmo, onde participam o que chamamos de “consciexes” ou “consciências extrafísicas”. O caso é colocado do ponto de vista da prática clínica e a partir dela ocorrem as análises e considerações relevantes. A regressão e o estado de psicotrãse por si só trazem a necessidade de livros e livros de aprofundamento. No entanto, me inclino a compreender a fenomenologia parapsíquica e parapsikoterápica envolvida no realinhamento evolutivo a partir da prática, do campo experimental da clínica e da vida contextualizada do “evolucionante” a partir de sua própria fala.

1. Considerações preliminares

Antes de iniciar este ensaio propriamente dito, convém esclarecer alguns pontos. O estado regressivo ou retrocognitivo é um estado de psicotrãse profundo onde a pessoa revivencia parcial ou integralmente seu campo de experiência sintonizado no passado (curvatura do espaço-tempo) com a percepção realista de o estar revivenciando vividamente, de forma lúcida e autoconsciente no presente, em outra faixa ou onda da

personalidade subconsciente palingenética. O estado de psicotrance regressivo caracteriza-se por níveis de profundidade, indo do transe mais focado em imagens na mente até as sensações mais sérias sentidas organicamente como reais e presentes, dentro da sensação de vivência remota de experiência condensada passada (sistemas COEX).

O estado regressivo relaciona-se ao acesso direto ao inconsciente ou subconsciente palingenético (holomemória), cujo centro remonta-se à revivência vívida e autoconsciente no presente, de experiências passadas. O estado de psicotrance regressivo adentra na parafenomenologia projeciológica, pois relaciona-se, do ponto deste ponto de vista, a um fenômeno de projeção da consciência para o passado, com lúcida autoconsciência. Um fenômeno concomitante à projeção propriamente dita, visto a necessária desconcidência parcial do holossoma para que o evoluciente acesse a holomemória, operante no paracampo extrafísico da consciência.

2. Descrição do caso clínico

Este ensaio tem como fato gerador a experiência até o momento vivenciada no processo parapsicoterapêutico com a paciente de pseudônimo Laura. Quando me procurou, a vida desta pessoa estava numa situação de imersão num processo de ansiedade generalizada, onde ela apresentava pânico com a suposta idéia ou com o fato do companheiro viajar a trabalho e sentir angústia aguda com este movimento, dentro da perspectiva da “angústia do nada”, visto que Laura não tinha a menor consciência do porque de seu comportamento. Agradava o fato de agredir o companheiro verbalmente e energicamente no sentido de fazê-lo sentir-se culpado ou mal com o fato da viagem, o que aliviava a angústia de Laura, deixando seu companheiro culpado pela viagem. Aparentemente, sob os olhos da psiquiatria, um caso clássico de distúrbio psiquiátrico ligado a transtorno bipolar ou outro complexo similar de transtornos de ansiedade.

Somando-se a isto, Laura relatava no estado de consciência ordinária (vigília física ordinária) sua história familiar, com casos de parapsiquismo desorganizado por parte do pai (internado em hospital psiquiátrico) que apresentava fortes crises entendidas na época como psicóticas, com crises agudas de supostos delírios com relação aos processos de incorporação e desequilíbrio psíquico. A avó manifestava aspectos similares ao pai. Família pobre, o sonho de Laura e objetivo de trabalhar se reduzia ao sonho de reformar a casa da família (casa de COAB). E após isto pensava bastante em ficar em casa sem trabalhar. Graduiu-se em Zootecnia e exerce atualmente

funções relacionadas à este campo e uma vez relatou: “não vejo sentindo em ficar pesando perus”. Quando eu perguntava o que ela gostaria de fazer da vida, ela respondia : “Nada. Meu sonho é ficar em casa sem fazer nada”.

O primeiro processo regressivo de Laura resumiu-se a uma existência onde ela situava-se num contexto onde vivia numa casa, sem fazer nada, ociosa, uma casa grande, com um quarto que ela tinha medo. Ela relatava ter vultos na casa que perseguiam ela. Ela não gostava daquele quarto. O marido viajava a trabalho. Era militar e passava períodos fora de casa, onde Laura ficava sozinha. Sua vida monótona foi passando e nada ia acontecendo. Laura dessemou (desencarna) a partir de uso de remédios, suicidando-se. Após a morte iminente, Laura alivia-se e sente-se bem, sem as sensações ruins de enjôo e tontura. Laura suicida-se grávida e deprimida e isso gera uma culpa muito grande. Após a sensação de alívio Laura permanece estática no quarto que não gostava, na penteadeira, olhando no espelho, paralisada em trauma. O marido chega, deprime-se, pega a arma, suicida-se. Laura continua esta experiência até o ponto em que começa a se sentir melhor, quando é sugerido a ela que voltasse ao espaço-tempo presente, ainda em estado alterado consciência.

No processo de análise da experiência e fazendo as correlações com sua vida atual, Laura ansiava repetir a experiência da vida passada, ou seja, sua faixa de personalidade subconsciente palingenética estava operante e influenciava suas escolhas evolutivas. O que vivenciou serviu para ela se autoconscientizar de que se ela seguisse seus anseios sua realidade provavelmente seria similar àquela: iria viver uma depressão progressiva seguida de suicídio. E essa era exatamente a forma como via seu futuro caso parasse de trabalhar e ficasse em casa sem fazer nada. Ao chegar em casa, comenta a experiência com o companheiro e ele diz: “Estranho, pois desde pequeno eu pensava que, se alguma coisa na minha vida não desse certo, eu me mataria”.

Laura a partir desta autoconsciência, gradualmente foi modificando suas percepções da realidade. A hipótese de trabalho na orientação parapsicoterapêutica partiu da experiência concreta ocorrida na vida de Laura e relatada em sessão, quando comenta que foi lhe proposta um novo cargo na empresa. O cargo estava ligado à trabalho que envolvia viagem. Neste sentido parece ter se libertado da sintonia com aquela faixa de personalidade e realidade de seu passado.

Com o passar das sessões, Laura começa a entrar mais a fundo na sua condição profissional e vamos conversando a respeito de seus gostos e daquilo que ela sente prazer na vida. Ela responde: “Nada me dá prazer”. Ela lembra que queria quando nova

fazer Historia mas acabou decidindo por Zootecnia, devido muito às limitações de opções por decorrência do local onde residia. Passei-lhe uma tarefa para pesquisar profissões na internet.

Na última sessão, Laura relata um fato importante para seu processo. Ela no momento em que acessa a página da faculdade de Arquitetura lembra de uma experiência da infância. Esta experiência marca uma divisória traumática de sua vida. O fator pesquisa atuou como agente indutor retrocognitivo. Ela regride espontaneamente na infância, aos 9 anos, em frente ao seu computador, quando participara de uma Olimpíada de Desenho onde várias escolas participaram com os melhores alunos. Laura era considerada a melhor desenhista da escola, junto com um amigo.

Ao relatar isto na sessão, ainda na consciência ordinária (VFO), pedi-lhe para fechar os olhos e relaxar, visando autoinduzir o evento para dinamizar o acesso ao subconsciente dela. Laura acessa o evento com detalhes ricos. Em curto espaço de tempo, vai relatando que os juizes pediram-lhe para que desenhasse alguma coisa sobre a “fome”. O tema lhe gerou muita resistência e bloqueou sua criatividade. Quando faltava pouco tempo, relata ter desenhado qualquer coisa e entregou. O conteúdo do desenho entregue referia-se a um grupo de pessoas passando fome.

Ao retornar do estado regressivo, ainda limitado a esta serialidade existencial (vida atual), vamos conversando sobre sua vida e no decorrer da conversa, relata uma seqüência de pesadelos com conteúdos repetitivos. Como hipótese de orientação parapsicoterápica considereí pelos conteúdos do suposto sonho com característica de PES realista, uma retrocognição espontânea. O conteúdo do pesadelo apresentava um tumulto de pessoas fugindo, numa situação angustiante e em dado momento Laura acordava com a percepção nítida da experiência. Sugeri a ela que relaxasse novamente e evocasse a situação de sonho. Ela estava sentada em sua poltrona dentro de meu consultório.

A regressão foi induzida a partir da rememoração autoinduzida por Laura, agora em estado de psicotrãse. Laura acessa a situação, onde se vê numa sala, no primeiro dia da faculdade de desenho. Estava feliz e realizada por estar ali. Em dado momento, escuta gritos e uma movimentação de estudantes se rebelando contra alguma coisa que não sabia dizer do que se tratava. Fugiram e se esconderam numa sala fechada, onde chegava alguém com comida. Ela permaneceu durante um bom tempo nesta condição. No momento que coincide com a perda da consciência e seu retorno do pesadelo, sugeri que agora iríamos continuar a saber o que aconteceu. Ela continuou em transe

autoconsciente. Ela morreu de fome no meio de um grupo de pessoas. Uma equipe de pessoas resgata Laura e lhe oferecem uma “sopa”. Laura dizia: “Não sei se é sopa, parece sopa, mas não é sopa. Eu sei que eu tomo e me sinto bem de novo”. Ela atua com esta equipe na ajuda ao pessoal que estava ali e recém tinha desencarnado (dessorado). Em dado momento afirma que foi descansar, levaram ela a descansar num local e ela dormiu. Disse assim: “Agora eu acordo. Mas não do sonho. Do descanso naquele lugar. Ah... até que enfim veio a luz”. Neste momento, ela reencarna e acessa sua infância quando tinha meses de idade, na atual vida. Continuamos fazendo uma rápida passagem por sua vida atual até chegar no momento presente, com lucidez e bem estar. Nesta passagem relembra de um fato na infância que nunca tinha lembrado: “Eu tinha uma pressa de crescer, eu queria crescer rápido para terminar aquilo que não terminei”.

O processo de ansiedade de Laura, desencadeado pela experiência traumática na infância aos 9 anos, desencadeia um comportamento de autodestruição das mãos, comendo “pelinhas” dos dedos até os mesmos ficarem em carne viva e transtorno de ansiedade. No nível causal o fato do juiz ter solicitado o desenho da fome, ocorreu a Laura uma heteroindução retrocognitiva ao seu trauma recente de sua vida anterior. Como resultado disto, Laura nunca mais desenhou e, com isto, reprimiu todo seu processo criativo e sua suposta Programação Existencial. Seu quadro de insatisfação evidencia desalinhamento evolutivo, dentro de sua real programação de vida. Laura afirmara que o que mais tinha prazer na vida era desenhar e após aquele trauma nunca mais desenhou. Com isto coagulou sua Programação Existencial (Proéxis) – proexocoagulação num ponto onde era justamente a raiz de seu processo de trauma e, conseqüentemente, teria de enfrentar isto para que sua programação de vida se descoagulasse para a orientação correta.

Laura retorna bem. Sua condição psicofisiológica era de franco estado ampliado de consciência ainda provocado pelo estado regressivo. Aos poucos retorna a partir de sugestão de realizar algumas respirações profundas e movimentação corporal.

Conversamos sobre tudo e ela ainda sai com uma dúvida pendente: será que realmente é minha programação de vida atuar com arquitetura ou será que é mais uma repetição? Eu lhe disse: “Não sei”. Vamos descobrir.

3. Considerações finais

O padrão geral de personalidade palingenética de Laura evidenciava uma dupla tendência interconectada (automimética), cada uma delas, sintonizada com sua faixa própria da personalidade subconsciente.

A primeira, sintonizada com a vida ociosa e depressiva, com término pelo suicídio e posterior suicídio do então companheiro. Na vida atual expressava este contexto de forma diferente, mas mantendo o padrão subconsciente. O diferencial marcante se dava quando trabalhava para reformar a casa de sua família. Seu interesse por reforma marca sua infância, quando aos 3 anos via casas e construções e tinha opinião crítica do trabalho de pedreiros e afirmava: “Eu faria tudo diferente”. Isto, ela tinha 3 anos. Como poderia ter opinião crítica quanto ao trabalho de pedreiros aos 3 anos de idade sem que já tivesse nascido com conhecimento deste campo, inato?

A segunda vida acessada revela a conexão do anseio de reformar a casa com sua tendência inata ao desenho e aos processos arquitetônicos bloqueados no passado. O bloqueio nesta vida com a experiência da infância, bloqueou o processo de Laura que acabou por escolher aparentemente qualquer profissão, no caso a Zootecnia. No entanto a alteração profissional de cargo para um cargo envolvido com viagens significa um início e mesmo um indicio forte de que Laura tenha cortado a sintonia com a vida suicida. Os comportamentos agressivos diminuem.

Laura agora entra na fase evolutiva do realinhamento evolutivo a partir do replanejamento de sua tarefa de vida, com base nos dados e em todas as reflexões e significações que ela mesma chegou dentro de sua realidade íntima.

Seu estado agora revela maior centramento, maturidade e lucidez geral. E afirma: “Agora que descobri tudo isso tenho coisas para fazer. Quando penso no João viajando, eu não sinto aquilo que sentia. Agora eu tenho coisas mais sérias a me ocupar”.